



Memória

Padre Antônio Vieira e a Igreja de São João Batista*

Maria de Belém Menezes

O mundo cultural e religioso está reverenciando ao correr deste mês os 300 anos da morte de Pe. Antonio Vieira, como acabou de celebrar os 400 anos de José de Anchieta. Ambos são glória da Companhia de Jesus e estão diretamente vinculados à história do Brasil, pois “Anchieta foi mestre entre os índios e Vieira lhes foi advogado”.

Uma circunstância especial une os paraenses ao Padre Antonio Vieira, nesta feliz oportunidade dos três séculos de seu falecimento: a infatigável evangelização que desenvolveu em nossas terras, a essa época chamadas de “Estado do Grão Pará e Maranhão”, diretamente ligadas ao governo da Coroa Portuguesa.

Em 1653- tinha 45 anos de idade – chegou ao Maranhão por seu próprio pedido ao rei D. João IV, impelido pelo ardor missionário, encontrando situação afron-tosa para os nossos irmãos índios: “Não há quem os instrua, mas todos os escravizam”, escreveu em carta ao rei.

Lançou-se em defesa dos indígenas com sermão memorável: “No nosso Evangelho ofereceu o demônio todos os reinos do mundo por uma alma; no Maranhão não é necessário ao demônio tanta bolsa para comprá-las todas...”

Foram logo sentidas as melhorias em favor dos silvícolas, mas essas disposições duraram pouco e Vieira viajou para Portugal a fim de tratar pessoalmente a causa deles, pronunciando o célebre *Sermão de Santo Antonio*, que é considerado “a mais mordaz sátira moral e política que até hoje se lançou do púlpito”. A viagem teve êxito e Vieira consegue do rei - era o ano de 1655 - a entrega, aos padres da catequese, a administração das aldeias e todas as questões referentes à liberdade dos índios, alcançando a nomeação de André Vidal de Negreiros para governador do Maranhão, pois este era partidário entusiasta das idéias do missionário. E, em evangélica atuação, atinge as aldeias entre Maranhão e Pará, e nas que se estendiam pela embocadura do Amazonas e do Tocantins, ecoando por toda parte a voz corajosa do sacerdote.

* Publicado em 06/07/1997, no jornal “A Voz de Nazaré”.



Estamos agora no ano de 1661 e viria caber à igreja de São João, em nossa cidade, “um destino famoso” – título de uma das páginas do livro “História de uma igreja e cercanias” (Ed. Falângola – 1696), de mons. Américo Leal, da qual transcrevemos alguns períodos: “A primeira igreja de São João Batista era de taipa... Embora frágil de construção, a igreja teve, em meados de seu primeiro século de existência, precisamente a 17 de julho de 1661, um destino famoso que foi o de servir de presídio para o Padre Antonio Vieira... O motivo da animosidade contra os jesuítas era porque eles impediam que os colonos escravizassem os índios”.

Continua mons. Leal: “Na igreja de São João deixaram-no só, sem a mais comessinha assistência e teria sofrido fome se não fosse a coragem de uma índia chamada Mariana Pinto que, por iniciativa própria, arrostando ameaças dos soldados à volta da igreja, levava comida para o prisioneiro; e com tal resolução que, ao ameaçarem incendiar-lhe a casa se voltasse a socorrer Vieira, respondeu que nas brasas da casa ardente cozinaria a comida do padre. Essa mulher foi agraciada pelo superior geral dos jesuítas com o título de “Irmã”, que lhe deu direito de participar de todos os benefícios concedidos à Ordem, inclusive sepultamento na igreja deles. Deve estar inumada na igreja de Santo Alexandre, em Belém.

Falando em Santo Alexandre, permitam uma digressão, baseada, ainda, no citado livro de mons. Leal, na página intitulada “Púlpitos de Vieira”, onde refere: “Um dia, alguém se extasiou diante da beleza dos púlpitos da Igreja de Santo Alexandre e, por uma associação de idéias relativas aos jesuítas que construíram a igreja, anexou ao valor artístico dos púlpitos a fama histórica de terem sido utilizados pelo padre Vieira. Augusto Meira Filho foi quem primeiro advertiu ser impossível ter Vieira pregado em púlpitos que não existiam a seu tempo. Ao chegar aqui, em 1703, o jesuíta João Xavier Traer, construtor dos púlpitos, Vieira já se havia retirado há 42 anos (1661) e falecido há seis anos (1697)”.

Terminado o assunto quanto à Igreja de Santo Alexandre, voltemos a recordar o ardoroso apóstolo prisioneiro na Igreja de São João, ressaltando que o eminente jesuíta foi preso a 17 de julho, na mesma data em que, daí a seis anos, haveria de receber de Deus a recompensa eterna de sua generosidade em favor do Evangelho, como recorda Mons. Leal à página 61 do livro já mencionado: “Viver nômade, sem assento fixo, a errar constantemente de núcleo em núcleo... prostrado amiúde por doenças e cansaço, certa vez ungido sacramentalmente em Cameté, à espera do último momento”.

Diante de tal abnegação em seu apostolado, vêm-nos à memória um trecho do monumental sermão de Vieira da 4ª feira de Cinzas, comentado por Alcir Pécora (Editora Nova Alexandria, 1994) no livro “A arte de morrer”, oferta de minha querida amiga Mary Tabosa, trecho que bem se ajusta aos gloriosos 300 anos de falecimento do insigne jesuíta: “...como se aprende a navegar? Navegando. Assim também se há de aprender a morrer, não só meditando, mas morrendo”.

A vida de Padre Antonio Vieira, em seus quase noventa anos, foi o mais rico aprendizado para o dia 17 de julho de 1697, nas contínuas e dolorosas “mortes” a que o levou o seu heróico sacerdócio, como a sua prisão na Igreja de São João Batista.